

ENTRE-VISTAS

DOUTORA MARLISE VAZ BRIDI: A PROFESSORA



Por:
Ana Luiza Gerfi BERTOZZI¹
Charles Borges CASEMIRO²

A Professora Doutora Marlise Vaz Bridi é a nossa entrevistada especialíssima do Volume 11, Número 1 da *Metalinguagens* 2025. Sumidade docente nas aulas, nas pesquisas e no trabalho de extensão universitária, a Professora Marlise já experimentou 5 décadas de docência, sendo reconhecida e admirada dentro e fora das universidades, tanto por colegas, quanto por estudantes, tanto por seus orientan-

1 Mestra em Letras – Programa de Literatura Portuguesa – pela Universidade de São Paulo (FFLCH); Graduada e Licenciada em Letras Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP-SPO). Membro do GELAF (USP) – Grupo de Estudos de Literatura de Autoria Feminina da USP. Editora Assistente da *Revista Metalinguagens*. Docente do Colégio de Vinhedo – SP. E-mail: <ana.bertozzi@gmail.com>.

2 Doutor em Letras – Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre em Letras – Literatura Brasileira Comparada pela Universidade Mackenzie (MACK-SP). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP-SPO); Membro do Grupo de Estudos de Linguagem do IFSP (GELIFSP); Membro do Grupo de Estudos de Literatura de Autoria Feminina da Universidade de São Paulo (GELAF-USP). E-mail: <charlescasemiro@ifsp.edu.br>.



dos, quanto por seus orientados, por seus alunos e por seus ex-alunos, por escritores de renome e pelos muitos amigos que fez em sua jornada de excelência como Professora de Literaturas. A Professora Marlise – tal como ela mesma prefere se ver e como prefere ser vista – graduou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 1973; já, em 1982, doutorou-se em Letras no Programa de Literatura Portuguesa pela mesma Universidade de São Paulo, e, nesse sentido, desde a graduação, definiu-se, de fato, Professora... Professora com todas as letras, fazendo-se, 3 anos depois de doutorar-se, Professora Titular do Curso de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, esta que foi a sua casa de docência mais longeva, entre 1985 e 2019. Simultaneamente, porém, a partir de 1993, fez-se, também, Professora do Curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, atuando, desde então, de modo marcante, em diversas funções referentes à sua posição como Professora da USP. Desde 2023, tem trabalhado apenas no Curso de Pós-Graduação, no Programa de Literatura Portuguesa. Esta sua trajetória como Professora, mas também como Pesquisadora e Orientadora de pesquisas, já acolheu mais de 200 participações em bancas julgadoras de mestrado e de doutorado, mais de 100 orientações diretas de pesquisas de mestrado, doutorado e pós-doutorado e já se vão mais de 100 títulos em publicações acadêmicas solitárias e em parcerias, nas áreas de Literatura e Ensino de Literatura; isso, sem contar as dezenas de participações em eventos acadêmicos nacionais e internacionais, seja como organizadora de eventos ou simpósios, seja como palestrante apresentadora de trabalhos. É membro do Conselho Editorial da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), além de ser parecerista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Estes seus caminhos pela docência a conduziram, sobretudo, pela Literatura Portuguesa e pela Literatura Brasileira, e, mais recentemente, pela Literatura de Autoria Feminina, à Ficção contemporânea e à Literatura tomada como um discurso estético. Desde 2010, lidera o Grupo de Estudos de Literatura de Autoria Feminina (GELAF), na USP, oferecendo uma relevante contribuição para os estudos da Literatura feita por mulheres em Língua Portuguesa. Sem dúvida, nesse momento, o GELAF tem se apresentado como uma das mais pomposas cerejas do bolo na história da *feira bridiana* ofe-



recida às Literaturas de Língua Portuguesa. Assim, a respeito destas e de outras coisas, seguimos perguntando...

REVISTA METALINGUAGENS – Ana Luiza Gerfi BERTOZZI e Charles Borges CASEMIRO

Professora Doutora Marlise Vaz Bridi, somando-se ao nosso texto de apresentação, pelo qual os nossos leitores já puderam tomar um primeiro contato com a sua trajetória acadêmica e profissional, gostaríamos de iniciar esta seção de perguntas, ouvindo as suas próprias impressões a respeito de sua história acadêmica, de sua história com as artes, de sua história com a Literatura?

PROFESSORA DOUTORA MARLISE VAZ BRIDI

A primeira coisa que eu acho interessante é esse resumo que vocês fizeram de mim. Eu não tenho essa noção de mim mesma, e não por modéstia, com certeza, mas porque me penso, antes de tudo, uma Professora, mais do que qualquer outra coisa: sou Professora. Inclusive, não gosto muito de ser chamada de doutora, apesar de entender que esse título é justo, afinal de contas, eu trilhei os caminhos acadêmicos necessários para alcançar esta titulação. O fato é que me vejo mais como Professora, é isso que sou, é isso que prefiro ser, sobretudo, uma Professora. E quanto ao mais, a esta altura da minha vida, com uma longa carreira já construída, considero com muito apreço essa realidade de já ter tido mesmo muitos orientandos, muitos alunos e, entre estes, alguns amigos, inclusive entre os escritores (apesar de entre estes últimos, não serem tantos amigos), menos por conta das afeições e mais por conta mesmo de uma escolha minha: eu faço crítica, os escritores fazem arte e, assim, sempre tive um pouco de receio de que estas coisas se misturassem. Mas, enfim, respondendo ao que perguntaram: acredito que a impressão mais potente que trago de mim mesma é essa de que eu sou uma Professora, antes de tudo. E isso está em mim por um desejo de ser, pelo conhecimento e pela paixão que já vi em outros professores, porque eu tive o privilégio de ter grandes professores. Por isso acredito, firmemente, que todas as outras relações que vocês citaram – universidades, colegas, alunos, ex-alunos, orientandos, orientados, amigos, amigos escritores



etc – todas essas relações decorrem de um único fato: o fato de eu ser uma Professora... e isso é muito importante para mim, mesmo porque é esta profissão que desenhou toda a minha vida. Quando eu escrevi o meu memorial a respeito da minha carreira para poder ingressar na Universidade de São Paulo – que é a minha última casa de trabalho –, eu escrevi sobre isso: sobre Professores. Escrevi também sobre livros, pensando que estes últimos são como professores. Assim, ambos, Professores e livros sedimentaram, ampliaram e definiram a minha história. Agora, vale lembrar que eu sou de uma família de Professores. As minhas duas avós, materna e paterna, foram Professoras. As minhas tias – todas, tanto as maternas, quanto as paternas – foram Professoras. Então, de alguma forma ser Professora se ofereceu a mim e pareceu-me sempre um caminho “natural”. E digo que deu muito certo, apesar de eu nem sempre ter pretendido essa posição social, mesmo com todos os exemplos da minha casa. Agora, as coisas são como elas são e, apesar da minha negação inicial, minha mãe, que também foi Professora – e ela foi Professora primária e, depois, Professora de Curso de Madureza (que, naquele momento, seria o equivalente ao que, hoje, chamamos de EJA, com uma tarefa de escolarizar jovens e adultos –; pois é, esse curso – Madureza – existia na Prefeitura de São Paulo e minha mãe me convidava para ir dar aulas junto com ela. E o mais importante dessa história: ela me convidava para dar aulas mesmo... e eu dava aulas... mas de matemática e, nesse sentido, cheguei mesmo a imaginar que eu podia ser uma Professora, apesar de na área de ciências exatas. Mas, assim, começava minha trajetória como Professora e eu nem dava aulas de português, muito menos, de Literatura. Minha trajetória de Professora, creio, começou aí, nessa ciência vizinha, a Matemática. Mas, hoje, sei que esta minha aproximação inicial com o caminho das “Ciências duras” foi apenas circunstancial: eu estudava muito porque estava no tempo de prestar vestibular ainda e estava decidida a cursar Medicina. Porém, nas vésperas do vestibular desisti da Medicina. Diante disso, já não sabia mais o que fazer, fiquei um pouco perdida e, então, prestei vestibular para o curso de Física, que cursei, efetivamente, por dois anos. Naquele momento, cheguei a me imaginar Professora, mas, ainda, de uma “Ciência dura”, a Física. No entanto, ainda não estava feliz e, assim, no mesmo passo da Física, prestei vestibular para cursar Letras na USP. Depois disso, desisti da Físi-



ca; fiquei com as Letras. De todo modo, esse é o caminho que, “naturalmente”, me levou a ser Professora, lugar comum para estudantes que cursam Letras. Desde então, confesso, eu me encontrei. Entendi que havia uma realização pessoal em ser Professora de Letras, havia uma realização nessa relação próxima e íntima, mas sempre muito respeitosa e, paradoxalmente, distante, que se estabelece entre Professor e Alunos. Foi nessa relação que eu entendi o meu papel mais importante: ser uma Professora. Eu me reconheço como tal e, somente como consequência, por ser Professora, é que eu me dediquei a trabalhar com a Crítica Literária. A Crítica Literária é, portanto, uma continuidade do meu trabalho como Professora. Sempre trabalhei como Professora deste ponto de vista: do ponto de vista de quem, para ensinar a Linguagem, a Língua Portuguesa, as Literaturas, tinha de estudar muito e ensinar a estudar, tinha de fazer a crítica de textos e ensinar fazer crítica dos textos. Essa concepção explica minha trajetória pelo mestrado e pelo doutorado em Literatura, as minhas relações com as universidades, com os alunos, com os ex-alunos, com orientandos, com os orientados, com meus colegas professores e pesquisadores, com os escritores, enfim, a minha relação com a própria Literatura. Nesse sentido, considero que todo o meu trabalho com as Literaturas, sem sombra de dúvidas, depende de um embate direto com os textos literários, sobretudo, feito na sala de aula. E desse modo que, mesmo a aula ou mesmo o fato de ser Professora de Literaturas supõem, para mim, a Crítica Literária. Foi assim que eu aprendi a ser uma Professora de Literaturas: fazendo Crítica Literária nas aulas. Foi assim que aprendi dos meus grandes professores. E eu tive esta sorte de ter grandes Professores. Esta é a impressão mais genuína que eu tenho sobre minha trajetória em torno da Literatura, das Artes, da Academia... é como cheguei a ser o que acredito plenamente que sou: uma Professora de Literaturas.

REVISTA METALINGUAGENS – Ana Luiza Gerfi BERTOZZI e Charles Borges CASEMIRO

Mais recentemente, uma grande parte da sua pesquisa e das suas orientações de pesquisa se voltaram para a compreensão da Literatura Portuguesa contemporânea e, de modo mais especial, para a compreensão da Literatura de Autoria Feminina na história da Literatura de Língua Portu-



guesa. Nesse sentido, qual é o lugar ocupado pela Literatura de Autoria Feminina na história da Literatura de Língua Portuguesa? E, ao mesmo tempo, qual o lugar ocupado pela Crítica Literária que estuda a Literatura de Autoria Feminina, atualmente?

PROFESSORA DOUTORA MARLISE VAZ BRIDI

Bem, a minha dedicação à Literatura de Autoria Feminina é algo muito recente na minha vida. Eu trabalho há 50 anos dando aulas de Literatura. Aliás, mais de 50 anos. Como tive algumas paradas no meio do caminho, porque fui bolsista, não costumo contar esse período como trabalho. Mas, como sabem que é: parei de trabalhar nesse período.... Mas isso é somente um modo de dizer. No período em que fui bolsista, trabalhei muito; estive estudando para ser Professora, para continuar sendo Professora em níveis mais altos. Mas enfim, como eu dizia: a Literatura de Autoria Feminina é uma coisa muito recente na minha carreira. Eu, na verdade, comecei a trabalhar com Literatura de Autoria Feminina há somente duas décadas. Dos 50 anos, portanto, 30 anos foram de trabalho com Literaturas, de modo geral. Literaturas de Língua Portuguesa e, mais especificamente, a Literatura Portuguesa. Mas eu não dei aula somente de Literatura portuguesa. Dei aulas também de Literatura Brasileira e de Teoria da Literatura, mesmo nessas últimas duas décadas. Para dizer a verdade: eu somente nunca dei aulas de Latim e de Inglês. Mas, do mais, que tem relação com Literaturas, eu dei aula de tudo. Mesmo porque, nessa longa trajetória, eu fui Professora, inclusive, de Faculdades particulares de Letras durante muito tempo. E nessa época, a gente dava aula do que tinha para dar aula. Do que era possível ministrar aulas. Esta visão mais panorâmica me deu muito jogo de cintura. Depois, é que eu me especializei em Literatura Portuguesa, na verdade, eu pude fazer isso: pude me especializar em Literatura Portuguesa. Nem todo mundo pode. Quanto à Literatura de Autoria Feminina, meu trabalho começou porque passei a achar que realmente era importante, que era um espaço de interesse e de luta da mulher discutir a questão da Autoria Feminina. Vejam que eu estou falando de Autoria Feminina e não Literatura feminina, nem Literatura feminista. Embora a Literatura de Autoria Feminina, às vezes, seja feminina e, às vezes, seja feminista. Mas, chamo a

atenção para reafirmar: não necessariamente. Entendo que a Literatura de Autoria Feminina acontece quando uma mulher – que se diz mulher, ou que se acha mulher, ou que se reconhece como mulher, mesmo que use, às vezes, pseudônimos masculinos – escreveu uma obra. Algumas vezes, o fato de se esconder por trás de um pseudônimo masculino constitui uma necessidade histórica, não uma opção. Aliás, para muitas mulheres, não foi uma opção publicar se não assinasse com nomes masculinos. Tudo isso sempre perpassou um pouco a minha preocupação com a Literatura, mesmo trabalhando com Literatura em geral. E quando a gente fala de Literatura em geral, marque-se bem: fala-se de Literatura de Autoria Masculina. De um modo geral, a Literatura sempre foi majoritariamente masculina. No meu doutorado, fiz a opção de falar sobre autoria masculina: tratei de um escritor português de altíssima importância, que é o José Cardoso Pires. No entanto, na Universidade de São Paulo dos últimos trinta ou quarenta anos, já havia um interesse pela Autoria Feminina representado por duas grandes Professoras: primeiro, a Professora Nelly Novaes Coelho. Segundo, a Professora Benilde Caniato. Duas grandes Professoras que digo, assim, mesmo sem me referir às qualidades particulares de cada uma delas; digo-as, assim, porque elas tinham muita visibilidade. E as duas se preocuparam com a Literatura de Autoria Feminina, ou seja, com a Literatura escrita por mulheres. Por circunstâncias, na Universidade de São Paulo, os diversos grupos acabavam se especializando em determinadas temáticas e interesses, assumindo as rédeas de determinados campos do saber. Foi o caso da Autoria Feminina que passou muitos anos conduzida pelo grupo que girava em torno das Professoras Nelly e Benilde. Quando, porém, a Professora Nelly Novaes Coelho se aposentou, se afastando em definitivo da Universidade, e a Professora Benilde Caniato faleceu, fui falar com a Professora Nelly Novaes Coelho a respeito do meu interesse de continuar, na Universidade, os estudos em torno da Literatura de Autoria Feminina. Ao que ela replicou com muita generosidade: “por favor, fique completamente à vontade. Todo tema é livre, qualquer um pode trabalhar com esse tema”. Embora eu soubesse que não era bem assim, mas, em todo caso, ela me deu, vamos dizer assim, uma espécie de “bênção”. Assim, comecei, assumi o tema na USP, até realmente poder formar um grupo de estudos de Literatura de Autoria Feminina há cerca de 15 anos. Antes de for-



mar o grupo, porém, eu já estava interessada nesse assunto, especialmente, porque trabalhei durante muito tempo na Universidade Mackenzie, concomitantemente à USP. E, no Mackenzie, eu já trabalhava muito com a relação entre identidades e Literatura... talvez tenha sido esse o estopim para despertar o meu interesse pelo trabalho com identidade de gênero. Enfim, no Mackenzie voltei o meu interesse para essas preocupações. Confesso que não foi por muito tempo essa a minha preocupação central, mas, “naturalmente” – não gosto muito de dizer a palavra “naturalmente” porque, na verdade, creio que são sempre escolhas, são disputas que conduzem nossas ações e sei que isso vou dizer não é nada “natural”...- , mas, enfim, aos poucos e “naturalmente” fui me inclinando para discutir questões de gênero, sobretudo, as questões das mulheres. Estou dizendo isso porque eu nunca me dediquei a outras questões de gênero, apesar de ter trabalhado com outras questões identitárias. Lógico, também, que isso não quer dizer que eu não me interesse por outras questões dessa natureza, mas é que eu acredito que a gente não consegue dar conta de tudo. Então a gente vai trabalhando com algumas coisas e deixando outras de lado. Fazendo escolhas. Para qualquer questão da nossa área é preciso muita leitura, é preciso ter muito embasamento teórico para discutir as questões que a gente escolhe e quer discutir. É dessas escolhas que precisamos dar conta. Bem, foi assim que a Literatura de Autoria Feminina chegou para mim, mesmo porque a Literatura de Autoria Feminina sempre existiu e me antecede, portanto, apesar de nem sempre ter sido visível e minimamente valorizada em sua história. Assim, quando eu digo a Literatura de Autoria Feminina sempre existiu, digo que ela sempre existiu minoritariamente, porque majoritariamente a Literatura sempre foi masculina, sempre foi escrita por homens. Disso não resta a mínima dúvida, porque as mulheres, até um passado muito recente, sequer tinham a possibilidade de estudar ou de serem alfabetizadas para poderem escrever. Aos poucos, contudo, ao longo da história mais recente, as mulheres foram adquirindo a possibilidade de escrever: primeiro, porque aprenderam, porque tiveram alguma educação para a leitura e para a escrita, ou seja, quando tiveram a possibilidade de escrever ... assim, sem nenhum mistério... começaram a escrever. Mas a visibilidade das mulheres sempre foi muito restrita e isso teve e tem impacto grande sobre os fazeres e sobre papéis desenvolvidos pela



mulher na sociedade. O que acontece com o papel e o fazer de escritora é um exemplo dessa restrição e falta de visibilidade. Pensar que isso seja diferente significa pensar, portanto, já a segunda metade do século XX para cá, justamente os anos que eu vivi – pois eu nasci em 1951, ao que alguns dirão que foi uma “boa ideia”, mas... (risos), mas, sigamos... pensar diferente disso é pensar a segunda metade do século XX, em que a presença das mulheres na sociedade se adensa e se multiplica exponencialmente... é nesse momento que o número de mulheres escritoras também cresce imensamente. Isso vale, de um modo geral, para o mundo todo mas, em particular, quero destacar a altíssima qualidade da produção de Autoria Feminina que despontou na Literatura Portuguesa desse período. Essa era a chave que me faltava para abrir definitivamente as portas para o encontro entre Literatura Portuguesa e Literatura de Autoria Feminina em meu interesse como Professora. Do rol de escritoras portuguesas que logo me interessaram, vou citar três, sem nenhum desdouro para outras, mas estas foram marcantes para minha decisão de vocacionar minhas pesquisas para esse campo de junção entre a Autoria Feminina e Literaturas: Lídia Jorge, Maria Teresa Horta e, por fim, Dulce Maria Cardoso. Por que eu estou falando dessas três mulheres e não das outras? É claro que existem muitas outras, inúmeras outras e, da maior importância, mas falo destas porque estou falando de três romancistas. No caso da Maria Teresa Horta, não só, mas, sobretudo, estou falando delas como romancistas. Foi a Lídia Jorge que, em 1983, se eu não estiver errada, fez questão que eu conhecesse a Maria Teresa Horta e, assim, muito generosamente, me apresentou a ela. Conheci, portanto, a Maria Teresa, pessoalmente, por causa da Lídia, apesar de a Lídia ser uma escritora mais jovem e eu já conhecera Maria Teresa pela obra, sobretudo, por causa das *Novas cartas portuguesas*. Por fim, a Dulce Maria Cardoso, eu conheci por mero acaso. Quero dizer: eu escrevi sobre a Lídia Jorge e sobre a Dulce Maria Cardoso para um congresso. Quando a Dulce leu o que escrevi, entrou em contato comigo. Ela queria saber por que eu tinha escrito sobre ela falando em *Artimanhas do Campo de Sangue de Dulce Maria Cardoso*. O problema era a palavra *artimanhas*, que tem um sentido diferente e pejorativo para os portugueses. Eu expliquei que quis brincar com um jogo de palavras: falava de uma *arte + manha* narrativa, mas ela ficou encucada com aquilo. É claro que eu



só percebi isso depois, a impertinência do termo em relação aos portugueses. Mas enfim, primeiro, ela conversou comigo. Perguntou minha opinião sobre a obra etc. E acredito que se tranquilizou com nossa conversa. Até hoje ela é uma pessoa extremamente gentil comigo, extremamente interessada por todos os seus leitores, muito interessada em quem e em o que escrevem sobre a sua obra. Estas histórias explicam uma aproximação pessoal com o que considero três pilares, a partir dos quais posso pensar a Literatura Portuguesa de Autoria Feminina. Falo de apenas de três, apesar de gostar muito de muitas outras. Mas foi assim que eu me aproximei das escritoras portuguesas mulheres. Completando esta minha sorte, o José Cardoso Pires – o autor que estudei no doutorado – era um admirador e muito próximo das escritoras portuguesas contemporâneas, por exemplo, das Três Marias (a Maria Teresa Horta, a Maria Velho da Costa e a Maria Isabel Barreno). Ele, inclusive, participou do julgamento das três, em função das acusações da ditadura salazarista contra a obra das autoras. Ele foi arrolado, antes do fim da ditadura salazarista, como um testemunha do julgamento. Enfim, dentro dessa proximidade, o José Cardoso dizia em alto e bom som que a Maria Velho da Costa era a maior romancista de Portugal. E quando ele falava maior romancista, ele dizia entre todos, homens e mulheres. É claro que ele não estava se referindo às *Novas cartas portuguesas*, mesmo porque as *Novas cartas* nem são um romance. Há quem pense o contrário. Entretanto, embora as *Novas cartas* sejam extremamente importantes para a história do romance português do século XX, em si não são um romance. De todo modo, considero, particularmente, haver uma Literatura Portuguesa antes e uma outra depois das *Novas cartas portuguesas*. Mas, sigamos: voltando ao meus três pilares: citei Lídia Jorge, Maria Teresa Horta e Dulce Maria Cardoso porque eu acabei me envolvendo mais proximamente com essas pessoas, nos fizemos amigas. Agora, mesmo assim, nunca deixei misturar a instância da amizade à instância de nossos trabalhos: eu a Crítica Literária e elas as Escritoras de Literatura. Dessa maneira, é por conta da qualidade da obra dessas autoras que estímulo que os meus alunos trabalhem com elas; e isso tem que ver somente com a qualidade literária que existe nos textos que as três produzem. Digo assim, apesar de entender que quando eu falo de qualidade literária, isso fica muito vago, pois, que quer dizer qualidade literária? Eu acredito

que um obra, às vezes, tem uma importância histórica, mas não tem importância literária. Às vezes, tem importância antropológica, sociológica, tem importância em outros planos do saber, mas não tem importância literária. Isso vale para homens e para mulheres. Para se ter um exemplo: o introdutor do simbolismo em Portugal, Eugênio de Castro, tem muito mais importância histórica que literária. Estou falando disso, aqui, porque, hoje em dia, nem tudo o que se escreve e se publica, mesmo que seja escrito por mulheres, tem, automaticamente, importância literária. E pode ser que nunca tenha importância nenhuma. Deixemos isso muito claro. Todas as mulheres, homens, pessoas... têm o direito de escrever o que bem entenderam e o que souberam escrever... ou, ainda, têm o direito de arranjar alguém que escreva por eles, como *ghostwriter*. Todos têm o direito de contar a sua história. No entanto, cabe à crítica literária o trabalho de analisar e julgar o que se propõe como Literatura... e a Crítica não tem nenhuma obrigação de aceitar tudo como “qualidade literária”. O primeiro trabalho do crítico é escolher os autores e as obras sobre os quais quer pensar e escrever; o segundo é fazer a crítica dos textos dentro de seus contextos. Claro que existem muitas perspectivas de Crítica, como, por exemplo, a Crítica Historicista, a Crítica Psicanalítica, a Crítica Sociológica etc... mas são outras perspectivas. A Crítica Literária – que pode se valer da relação com outras perspectivas, é claro – se mede no texto, analisa o texto, nas qualidades do texto. Mais uma vez: aprendi com meus grandes Professores, entre os quais, cito Antonio Candido, Alfredo Bosi e Boris Schneiderman, que a crítica começa e termina no texto. Quem passou pelas tutelas de Candido, de Bosi e de Schneiderman não se esquecerá jamais que o texto literário precisa ter qualidade literária. Quem trabalha com Literatura tem que levar em consideração a Literatura. Eu penso assim, não sei se eu estou equivocada. Mas entendo que quem faz Crítica Literária pensa a Literatura como um texto que tenha consistência estética – seja lá o que isso também quer dizer – para além do momento em que o texto está sendo escrito. É isso que procuro e o que instigo minhas alunas e meus alunos, pesquisadoras e pesquisadores que oriento, a buscarem na Literatura de Autoria Feminina, não somente o valor histórico das autoras e obras, mas, principalmente, o seu valor estético.



REVISTA METALINGUAGENS – Ana Luiza Gerfi BERTOZZI e Charles Borges CASEMIRO

O mercado editorial é, sem dúvida, um poderoso filtro direcionador para a história da Literatura, podendo determinar o sucesso ou fracasso de uma obra ou de um autor. Em que sentido, portanto, esse mercado editorial funcionou como um filtro para a Literatura de Autoria Feminina e, ainda, como as novas pesquisas no campo da Literatura de Autoria Feminina têm influenciado a realidade editorial nos países de Língua Portuguesa, no sentido de garantir mais espaço para a publicação de autoras?

PROFESSORA DOUTORA MARLISE VAZ BRIDI

Os cânones literários são sempre cíclicos. E nós estamos num momento em que se está dando visibilidade para a Literatura de Autoria Feminina. Por quê? Porque as mulheres estão mais visíveis na sociedade contemporânea. Eu não disse mais empoderadas, porque as mulheres não são empoderadas. Embora eu goste muito desse empoderamento, ele não existe, ainda. Eu costumo dizer para as pessoas à minha volta, pessoas próximas, por exemplo, minhas filhas, eu tenho duas, eu sempre costumo dizer que o lugar da mulher, no mundo, ainda está muito longe do que é o minimamente aceitável por elas. E mais do que isso: chegar a esse lugar minimamente aceitável não se consegue à toa. Somos nós (mulheres e homens) que temos de lutar por esse lugar. Isso equivale à história da Literatura de Autoria Feminina. Esta sempre foi uma história de resiliência, de luta. As mulheres autoras que eu citei anteriormente, mesmo as mulheres que escreveram com nomes masculinos, não escreveram só porque queriam escrever ou assinaram com nomes masculinos por escolherem isso. Escreveram isso ou aquilo, assinaram assim ou assado, porque era necessário para que elas pudessem sobreviver, inclusive do ponto de vista editorial. A título de exemplo concreto da Literatura Portuguesa, pensemos: quem é a mulher autora conhecida no período do Fernando Pessoa? Nenhuma. Mas existia. Não só a Florbela. No mesmo período, há outras escritoras mulheres escrevendo e que não tiveram e não têm visibilidade. Inclusive, o próprio Fernando Pessoa discutiu essa questão de gênero na Literatura. Ele questionou o preconceito homofóbico contra António Botto, mas, nessa mesma conta, fez vista grossa ao mesmo preconceito de gênero quando se tratou de Judite



Teixeira. Nesse mesmo período, veríamos o caso de Irene Lisboa, escrevendo sob o pseudônimo de João Falco, por conta da necessidade de esconder a sua identidade como mulher. É certo que, na época, assinar com pseudônimos aconteceu também com homens – dirão que é o caso do próprio Fernando Pessoa, mas, saberemos sempre que por outras razões, que não o desabono de sua identidade de gênero. Mais tarde, por exemplo, José Cardoso Pires escreveu na *Revista Senhor* assinando vários textos com pseudônimos. Neste caso, o fez por razões de perseguição política. Nesse sentido, será sempre importante levar em consideração a circunstância do mundo para compreender esse ou aquele autor, esse ou aquele recurso ou procedimento. Mas ressalto que, mesmo com as circunstâncias atuais, muito favoráveis às publicações de mulheres, os catálogos de qualquer editora, todas as brasileiras e todas as portuguesas, apresentarão, ainda, uma lista, majoritariamente, masculina de autores. O que isso quer dizer? Ora, que há uma visibilidade maior para as mulheres, nesse momento, mas que essa visibilidade não está se traduzindo, automaticamente, em maior visibilidade literária e em maior número de publicações de Autoria Feminina. Seja como for: as mulheres estão publicando mais hoje em dia, mesmo que não seja sempre bom o que elas escrevem, porque não se trata somente de ocupar espaço, mas também se trata disso. Como dizia Antonio Candido: *na quantidade se manifesta a qualidade*. Mesmo porque uma escritora interfere na vida e na obra de outras escritoras. E isso vale para muitas coisas. Vale, também, para a Crítica. Quantas mulheres fizeram e fazem Crítica Literária ao longo da história e se assumem como Críticas Literárias? Eu mesma me chamei Professora, não me chamei Crítica Literária. Porque entendo que escrevi e escrevo Crítica enquanto dava e dou aula, porque sou Professora. Eu tenho colegas que, antes de tudo, estiveram e estão preocupados com a sua produção de Críticos. Aliás, eu ouvia e ouço muito essa palavra. Produção. Produzir... produzir... sei lá quantos artigos, etc. À custa de quem e de quê? Há muitos colegas na vida acadêmica que estão muito mais ocupados com a sua produção acadêmica do que com as aulas. Particularmente, vejo nisso um equívoco. Acredito que nós devemos escrever, sim. É bom que escrevamos. É bom que façamos Crítica Literária. É bom que tenhamos produção. Mas, o lugar primordial da Crítica Literária é a aula de Literatura na formação de alunos de Letras. Mais uma vez, posso ser exemplo dessa convicção: não tenho centenas de textos de Crítica Literária publicados, mas tenho dezenas, talvez centenas de textos analisados, critica-



dos em aulas de Literatura junto aos alunos. São dezenas, talvez centenas de obras analisadas em classe sobre as quais nunca escrevi a respeito e, portanto, nunca publiquei. Apesar disso, muitos desses apontamentos de aula nunca publicados por mim como *Crítica Literária*, alcançaram os alunos e foram transformados em aulas, em pesquisas, em mestrados, em doutorados, em publicações dos meus alunos, como multiplicadores do trabalho de *Crítica* que desenvolvi como Professora, em aula. Pensando então as publicações, pode alguém me perguntar: do que você sabe de Literatura Portuguesa? Minha resposta: nada. Mas do que você deu aula? tudo. Da Literatura medieval à Literatura contemporânea, conjugando contextos e *Crítica Literária* em sala de aula. Agora, nunca quis passar vergonha na frente dos meus alunos. Por isso, eu sempre estudei muito e antecipei a crítica das obras e autores para poder dar as aulas. E não estou dizendo que colegas não façam o mesmo. Estou dizendo que há colegas que priorizam, por conta de algumas rédeas da carreira acadêmica, as publicações e esse trabalho que é antecedente e que se dá fora das aulas, sem levá-lo, depois, às aulas. Claro, há e houve grandes escritores e publicadores de *Crítica Literária* no Brasil e em Portugal que, também, foram, ao mesmo tempo, ou são ao mesmo tempo, grandes Professores, tal como o foram Antônio Cândido, Davi Arrigucci Júnior, Roberto Schwarz ou Walnice Nogueira Galvão, entre outros. Estes fizeram as duas coisas. Modestamente, minha *Crítica* foi, na maior parte do tempo, partilhada nas aulas e multiplicada em publicações pelos meus alunos e orientandos. De todo modo, a *Crítica Literária* e os estudos de *Autoria Feminina* é ainda menor que isso, porque mesmo as mulheres da academia, eu inclusive, sempre acabamos dando mais aulas e escrevendo muito mais sobre os homens escritores do que sobre as mulheres escritoras. Nos últimos 20 anos, tenho tentado fazer o contrário, mas por uma questão circunstancial, como já disse antes. E, considerando desse modo: sendo as escritoras em menor número, as aulas sobre elas em menor número, a *Crítica Literária* e a pesquisa dedicada a escrever sobre a *Autoria Feminina*, mesmo entre as mulheres, ocorre em menor número, ainda, embora se possa ter a alegria de haver, inclusive, alguns homens escrevendo sobre Literatura de *Autoria Feminina*. Mesmo assim, nem a Literatura de *Autoria Feminina* nem a *Crítica da Literatura de Autoria Feminina* ocupam, nesse momento, o seu devido lugar; nem na quantidade de aulas nem na quantidade e na qualidade das publicações. Por esta conta há, ainda, muito de que se dar aulas, muito de que se pesquisar, muito de que se



publicar no que diz respeito à Autoria Feminina. Para citar um caso extremo desse campo a ser pesquisado: Maria Judite de Carvalho – grande escritora portuguesa de que pouquíssimo se sabe no Brasil. Ela é apenas um nome que se junta a uma fileira extensa de nomes de escritoras portuguesas, brasileiras e africanas de Língua Portuguesa de que pouco se sabe, ainda, mas que, talvez, por circunstâncias novas, possam vir à tona. Ainda é preciso, primeiro, fazer escolhas nesse sentido. Além do que, as dificuldades das aulas, da crítica e das publicações, por vezes, se multiplicam, por conta do chamarei de não encaixe. Há muitas escritoras, cuja obra, estilo, temática etc não se encaixam nos modelos previstos no cânone. É o caso, aqui no Brasil, de Cecília Meireles. De Portugal, acabamos de perder uma destas grandes escritoras: Adília Lopes. Esta última, uma autora que alguns rotulam como uma poetisa de linguagem fácil. Mas não é nada fácil. Zero. Nossa mania de categorizar, generalizar, rotular, canonizar, às vezes, atrapalha, porque nos fechamos em parâmetros que deveriam ser somente pontos de partida e não pontos de chegada. Por isso, creio que somente a conjunção de trabalho de Professores com o trabalho de Críticas e Críticos Literários, em sala de aula, seja o melhor caminho, o caminho possível, longo, mas, talvez, único caminho, para se modificar, historicamente, a condição de valor da Autoria Feminina, tanto na Literatura, quanto na Crítica Literária, tanto perante as editoras e suas escolhas de publicação, quanto perante às universidades e seus estudos, pesquisas e publicações.

REVISTA METALINGUAGENS – Ana Luiza Gerfi BERTOZZI e Charles Borges CASEMIRO

Do mesmo modo que o mercado editorial, o Corpo Docente nas universidades e nas escolas de ensino básico é determinante para a construção do cânone literário no Brasil, em Portugal e nos Países Africanos de Língua Portuguesa. Que tipo de ações, portanto, poderiam ser tomadas para que Docentes possam contribuir, em seus espaços de docência, para reverter o apagamento de mulheres autoras que foi construído através dos séculos?



PROFESSORA DOUTORA MARLISE VAZ BRIDI

Tal como já apontava anteriormente, os cânones literários são cíclicos, mas também, variáveis. Não resta a mínima dúvida. E eles variam conforme os ventos e as trovoadas sociais. Apesar disso, apesar dessa observação genérica e boba, o que eu penso que seja necessário fazer para reverter o apagamento de mulheres nos cânones? Começemos com uma história: há pouquíssimo tempo, eu montei um curso para oferecer a Professores da rede privada, sob o patrocínio do Sinpro – que é Sindicato dos Professores da Rede Privada do Estado de São Paulo. O curso acabou, entretanto, não acontecendo, por falta de inscritos. Não houve sequer 10 inscritos para o curso. Diríamos: um grande revés. Mas, nem por isso, deixarei de pensar que essa relação da universidade com os sindicatos de Professores, no sentido de promover formação continuada dos docentes, seja um caminho importante para sincronizar o trabalho das universidades com o trabalho das escolas de ensino básico. Confesso que, por isso, já estou na torcida para que no ano de 2025, o curso que ofereci e não aconteceu, assim como muitos outros do mesmo tipo, possam, realmente, acontecer. Nesse tipo de formação continuada de Professores, as universidades podem fazer chegar à escola básica, os seus estudos e pesquisas a respeito da Literatura de Autoria Feminina, assim como os seus porquês, o que, nesse momento, é tão importante para as mulheres escritoras quanto, muitas vezes, a própria Literatura que fazem. No curso que propus ao Sinpro, falaria a respeito da necessidade e da importância de se estudar Literatura de Autoria Feminina na escola de ensino básico, frente às circunstâncias que vivemos. Um dos meus porquês: a sociedade precisa formar, no ensino básico, Meninas-mulheres interessadas em ser Professoras e em ser Escritoras. Para uma mudança do lugar da Autoria Feminina, essa quantidade de mulheres alcançadas, assim como a qualidade, interessa muito. Mas, para isso, sobretudo, as Professoras – sem querer menosprezar o precioso trabalho que muitos Professores homens têm feito no mesmo sentido –, insisto, sobretudo, as Professoras precisam levar as escritoras às suas salas de aula e apresentá-las como exemplos às Meninas-mulheres estudantes. Esse é um caminho básico. As Meninas-mulheres precisam de exemplos na escola básica para se tornarem aquilo que quiserem ser. Considere-se que a maioria dos estudantes



que chega, atualmente, ao segundo grau (ao ensino médio) ou ao terceiro grau (à universidade), é de mulheres... isso se dá em, praticamente, todos os cursos e carreiras. Os homens ainda continuam muito pressionados para irem mais cedo ao mundo do trabalho e, desse modo, as mulheres, por esse ou por outros motivos, que não nos cabe aqui discutir, muitas vezes, têm mais tempo na vida de estudos. Bom que se diga que isso não é uma vantagem das mulheres. Não é. Mas, numericamente, é preciso reconhecer que as mulheres têm prevalecido e permanecido mais na escolarização. Agora, essa prevalência das mulheres na escola, de nada vale ou valerá se não acontecer uma mudança na escola, não somente no material didático. Na USP, atualmente, no curso de Letras, há disciplinas que discutem o curriculum de Literatura, de todas as Literaturas, e o modo como aparecem nos livros didáticos para a escola básica. Quando ministrei esse curso, o que se revelou para mim: os livros didáticos mal falam das mulheres escritoras. Aqueles que falam, o fazem, por exceção absoluta e, mesmo assim, falam de poucos nomes e de poucas obras, quase sempre os mesmos. Nesse sentido, os autores de materiais didáticos precisam de também de formação continuada; os livros precisam ser revistos ao lado dos cânones, assumindo um ponto de vista inclusivo de mulheres escritoras e suas obras. Quando se trata de Literatura Portuguesa ou Africana de Língua Portuguesa, nesses casos, a exclusão de mulheres é quase que absoluta. E vale aqui pontuar: nos livros didáticos do presente momento, mal se tem tratado de muitas coisas, por exemplo, de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Há uma tendência perniciosa de alguns atores políticos, de alguns editores, de alguns autores e de livros didáticos de defenderem a ideia de que se resume a escola básica ao estudo da Literatura Brasileira. Em uma palavra: Absurdo. De Literatura Portuguesa, por exemplo, muitas vezes, se tem resumido os livros e apostilados a Fernando Pessoa. E mais ninguém. Ninguém, ninguém, ninguém. E estou falando isso, tanto do ensino fundamental, quanto do ensino médio. Segue a isso: nos livros didáticos, mulheres escritoras são uma raridade. Até mesmo quando o interesse é pela Literatura Brasileira: o que se lê, então, nos livros didáticos – basicamente, homens escritores. E o que isso quer nos dizer? Que as Meninas-mulheres que, como eu disse antes, são a maioria nas escolas, não encontram nos livros didáticos um espelho para se ve-



rem no mundo da Literatura. Digo espelho como se dá, por exemplo, nos esportes. Recentemente, muitas Meninas-mulheres enxergaram a possibilidade de serem *skatistas*. Isso por conta do exemplo da *skatista* Rebeca Andrade que venceu as Olimpíadas. Outras Meninas-mulheres falam – “bom, se ela foi, eu também posso ir”. Isso vale para a Literatura. O que quero dizer? Que dizer que se há mulheres que são Professoras que leem mulheres e, portanto, se há mulheres que são escritoras, essas mulheres podem ser vir de modelos para as Meninas-mulheres na escola. Não digo modelo no sentido de que precisam ser imitadas, mas no sentido de representarem possibilidades que, antes, talvez não tenham sido consideradas. Na escola, os rapazes sabem que é possível e é quase natural homens escreverem. A maioria não vai escrever, não será escritor é claro. Mas a questão não é essa. A questão é: eles sabem que podem escrever se quiserem. Agora, as Meninas-mulheres, muitas vezes, não sabem e não saberão dessa possibilidade. Não sabem que podem escrever, se quiserem, porque desconhecem essa possibilidade. Por essa razão, me parece fundamental que Professoras e Professores do ensino básico busquem ou sejam buscados por cursos de extensão de sua formação que os coloque diante da leitura de Autoria Feminina, em que sejam apresentadas a eles escritoras que eles, por sua vez, poderão apresentar aos seus alunos. Escritoras que se tornem, portanto, espelhos na formação de suas Alunas-meninas-mulheres. Nesse sentido, o trabalho da universidade precisa se aproximar, ainda mais que agora, do trabalho das escolas básicas. Seja por iniciativa das universidades, dos sindicatos, das próprias escolas ou das Professoras e Professores, individualmente, mas que se constitua a ampliação dessa proximidade. O trabalho da escola básica, assim, ressignificado, precisa, por sua vez, se aproximar das famílias. O hábito de ler pode ser desenvolvido na escola mas precisa ser arraigado nas casas. Acredito, ainda, nesse trabalho miúdo, nesse trabalho de chão de fábrica, demorado, eu sei. Mas esse é o trabalho básico para que, nesse tempo, em que, circunstancialmente, mais mulheres estão conseguindo publicar suas obras – e isso já é um incentivo para que outras mulheres possa optar por escrever e publicar – que estas publicações sejam lidas, fechando o ciclo: escritor, obra público. As publicações de mulheres precisam ser lidas nas casas, nas escolas, nas universidades... esse seria um ato de valorização da Autoria Feminina no mer-

cado editorial e uma maneira de forçar esse mercado a abrir as suas portas para obras escritas por mulheres, obras boas e obras ruins: esse juízo cabe à Crítica Literária e ao Público Leitor. Se boa ou má obra, o Público Leitor, o tempo, a história e a Crítica Literária precisam ter a oportunidade de dizer. As publicações também servem de crivo para outras escritoras e outros escritores decidirem sobre sua obra. Há casos, como o de Almeida Faria que, apesar de ser um escritor de primeira linha – é o autor de *Rumor Branco*, por exemplo –, quando leu Clarice Lispector, resolver parar de escrever. Diante de Clarice, em um mundo em que havia Clarice Lispector, ele imaginou que já não podia mais escrever. É certo que, depois, ainda bem, voltou a escrever. Mas ficou esse vácuo em sua obra que valoriza a obra de Clarice. Eu, confesso, que vivo um pouco esse problema. Sou poeta. Mas acho muita pretensão minha ser poeta em um país que já teve Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral Melo Neto, Hilda Hilst... e só vou citar cinco. Então, pensando estes poetas, não me deixo passar pelo crivo. Pelo meu crivo. Nesse sentido, não quero publicar, porque me coloco na posição de que, se escrevo poesia, é só porque eu preciso escrever. É como uma terapia. Mas eu não quero ser publicada. Mas vejam o ponto chave: não ser poeta é uma escolha minha. Sei que posso sê-lo. Sei dessa possibilidade. Mas escolhi não fazê-lo. Agora, quanto à minha Crítica: esta eu nunca digo que não quero que seja publicada. Mesmo vivendo em um país que tem Antonio Candido, Alfredo Bosi, Afrânio Coutinho, Silvino Santiago, Davi Arrigucci, Roberto Schwarz etc... etc... a lista é longa... tenho, como Professora de Literatura, a pretensão de estar nesta lista longa. Isso porque há um público que já prestou atenção naquilo que eu escrevo e também falo nas aulas: os meus alunos. Esta leitura dos meus alunos ao que escrevo e falo me contenta como Crítica Literária, como Historiadora da Literatura, como Teórica da Literatura, como Professora de Literatura, porque sei que ela é a minha contribuição para a formação dos meus alunos. Os meus alunos são uma extensão do meu trabalho com a Literatura. E esse é o meu crivo. Tenho ciência de que, para além disso, a carreira na Crítica Literária, exige, também, a participação em uma política universitária, mas esta nunca foi a minha melhor experimentação. O que eu sempre busquei foi o relacionamento cara a cara com os meus alunos. Fiz certo em fazer isso? Acertei na minha escolha?



Consegui valorizar a Literatura, a Crítica Literária, a História Literária, a Literatura de Autoria Feminina, a relação da universidade com a escola básica? Não sei, ao certo, em que extensão isso se deu. Mas foi como eu fiz em minha carreira como Professora. Foi como eu pensei que deveria ser e fazer. Acredito que essa escolha de ser Professora de Literatura e de levar, mais recentemente, a Autoria Feminina aos estudantes, sobretudo, às mulheres, se soma ao meu exemplo como Professora, e tem sido, de fato, um trabalho contra o apagamento e a favor da valorização da Literatura de Autoria Feminina na Língua Portuguesa, sempre no sentido de se repensar o próprio cânone, porque a Literatura que permanece, que é canonizada, que marca as identidades, que constitui cultura, não é assim por acaso, acontece por conta de um trabalho histórico. Acredito, portanto, que isso tem a ver com mudança cultural, com discussão de identidades, com discussão de pertencimentos, com discussões políticas e econômicas. Não é uma questão automática, mas, faz parte de uma ação docente. Conferir destaque a um trabalho, à Literatura de Autoria Feminina, a partir de conceitos como valor, identidade e pertencimento, acredito que seja uma grande contribuição docente para se poder repensar o cânone, o mercado editorial e a Literatura na universidade, nas escolas básicas e nas casas. Não é uma mágica. É um trabalho. É isso que se pode fazer: um trabalho. É isso o que eu tenho feito. No trabalho que eu realizo, escolhi dar visibilidade para grandes escritoras. Mas e se não for uma grande escritora? Isso não faz mal. Pode-se trabalhar com escritoras e obras menores. A Crítica é capaz de revelar que uma autora menor, na verdade, é uma grande escritora. Há isso. Há o contrário também. A Crítica é capaz disso. O que a Crítica não pode fazer é enganar. E, na minha opinião, às vezes, a Crítica se engana e engana. Isso faz parte de nosso jogo de acertos e erros. É normal. Mas, enfim, que fazer para superar o atual estágio das coisas, em relação à Autoria Feminina e sua presença, ainda precária, no mercado e entre os leitores? Bem, é preciso fazer trabalhos de conjugação de três frentes, criando relações, primeiro, entre as aulas de Literatura e a Crítica Literária; segundo, entre o mundo acadêmico e a escola de ensino básico e médio; terceiro, entre a Crítica Literária e a Produção Literária, de modo que estas diferentes instâncias sigam se retroalimentando. Mas isso só pode acontecer se houver duas coisas: a disposição da partilha e a disposição para



a paixão. No começo da minha carreira, eu partilhava aulas com Maria Aparecida Paschoalin e isso foi fundamental para que eu entendesse – para que entendêssemos – *um modus operandi* para as nossas aulas, de maneira que as aulas pudessem fazer os estudantes aprenderem Literatura. Para mim, nunca foi somente o conteúdo que interessava, mas, sobretudo, o como apresentar e partilhar o conhecimento literário. Isso sempre foi fundamental. Nesse sentido apostado na ideia de que docentes devam constituir, em diálogo o seu próprio modo de partilhar a Literatura nas aulas, sem deixar de lado a ideia de que, para ensinar Literatura, sempre se supõe uma paixão pelo texto literário. Vale dizer que essa paixão pela Literatura não se ensina, não se aprende, senão depois do conhecimento. Primeiro é preciso o conhecimento e desse conhecimento pode vir ou não a paixão pela Literatura. Creio que, dizendo isso, volto à questão do exemplo. O que podemos fazer então pelo texto de *Autoria Feminina*: criar, em diálogo, um *modus operandi* para ensinar, para fazer conhecer, para partilhar e ensinar, com paixão pelo texto, a Literatura feita por mulheres e, entendendo que esta partilha servirá de exemplo.

REVISTA *METALINGUAGENS* – Ana Luiza Gerfi BERTOZZI e Charles Borges CASEMIRO

Transcender os muros da universidade com a Literatura – o que, muitas vezes, hoje, é chamado de um trabalho de Extensão, levando a Literatura de autoria feminina e a Literatura de modo geral, à comunidade e, por outro lado, trazendo da comunidade a sua Literatura faz sentido para a valorização da Literatura, da Literatura de autoria feminina e da luta das mulheres por uma sociedade democrática que, necessariamente supõe, a igualdade de gêneros? E, por último, você crê que esse trabalho de extensão se define mais no campo da pesquisa ou das campo das aulas?

PROFESSORA DOUTORA MARLISE VAZ BRIDI

A extensão, a transcendência aos muros da universidade para alcançar as outras instâncias da sociedade e para que a sociedade alcance a universidade, acredito, se dá, em primeiro lugar, nas aulas. Certamente, nas aulas. Mas sei que o que estou dizendo é uma visão muito particular. Eu te-



nhos certeza que tudo o que eu fiz de melhor pela Literatura, pela partilha da Literatura, pelo acolhimento da sociedade pela Literatura, eu o fiz nas aulas. Mas como disse, essa é uma opção muito particular. Eu sei que há grandes pesquisadores, grandes escritores, grandes críticos, grandes ensaístas, que são bons Professores. Mas quase nunca isso é assim. Ser Professor, ser Pesquisador e fazer extensão constituem instâncias diferentes da docência, nesse momento. E não estou querendo dizer, com isso, que eu sou boa Professora. Estou dizendo isso entendendo que, diferentemente do que, muitas vezes, se espera de um professor na academia, eu acredito que estas três instâncias – a docência, a pesquisa e a extensão – devem fazer parte da aula. Essa atitude supõe paixão pelo texto literário, supõe partilha, supõe diálogo, supõe apontar caminhos por dentro e para fora da universidade, tudo isso, na sala de aula. É isso que faço com paixão. Esse é meu exemplo para as minhas alunas e alunos. Não quero ensinar essa paixão, como disse, não creio que isso seja possível, mas quero que essa paixão pela Literatura seja vista. Os que passaram e passarem por minhas aulas construindo conhecimento sobre Literatura, sobre Literatura de Autoria Feminina, têm a opção de se apaixonarem pelo texto literário. Acreditei nisso. Acredito nisso como papel do professor de Literatura. Fiz assim. Faço assim minha sala de aula, por uma coerência com minha crença na partilha e na paixão pela Literatura – creio que seja esse o caminho longo, mas efetivo, para valorização social da Literatura e, de modo especial, da Literatura de Autoria Feminina, esta minha paixão maior dos últimos 20 anos. Nas minhas aulas, construo salas de aulas fora da universidade.